

# UTOPIA



# A PROGANDA DA CIDADE-PRAIA PELO EXEMPLO: CONTENSAIOS SOBRE UM URBANISMO COSTEIRO DE CARÁCTER EXPERIMENTAL

HENRIQUE GARCIA PEREIRA  
(<http://cerena.ist.utl.pt/hgp>)

## INTRODUÇÃO

No início deste milénio pratiquei o 'exílio voluntário de curta duração' em algumas metrópoles costeiras da mais variada dimensão, sob a cláusula de que o centro histórico da cidade se encontrasse a uma *walking distance* da praia (ou pelo menos, ao alcance 'imediato' de algum meio de transporte público). É bem conhecido o meu horror pela clorofila, símbolo de tudo o que cheia a 'campestre' (Pereira, 2000, p. 30), e o meu enlevo pelo 'urbano' (designando aqueles locais onde a 'urbanidade' – ou civilidade – entre os homens se pode facilmente converter numa certa interacção multicultural, caracterizada por alguma sociabilidade e gentileza). Por outro lado, não posso passar sem a serotonina de que há deficit nos sombrios Cafés onde sempre me senti bem, rodeado de livros e jornais, e fruindo do prazer que os meus cigarros me propiciavam<sup>1</sup>).

Então, atraído simultaneamente pelas fervilhantes tertúlias dos Cafés de Lisboa – que alimentavam o meu espírito –, mas também pelo mar, sol e praia – que faziam exultar o meu corpo –, sempre me incomodou uma espécie de aguda dualidade cartesiana que reinava entre os meus companheiros de geração: ou A ou B, quem é pela cidade é contra a brisa do mar, quem gosta da cultura não gosta de nadar, quem lê não se bronzeia, quem pensa detesta a praia. Havia assim duas sub-espécies totalmente disjuntas<sup>2</sup> de *babyboomers*: os enfezados 'intelectuais de esquerda'<sup>3</sup>, dados à leitura na escuridão e à metafísica colectiva, e os incipientes pré-surfistas desse tempo, que prezavam exclusivamente a energia individualista das sensações elementares trazidas ao corpo pelo contacto luminoso com a areia aquecida pelo Sol, e pelo mergulho vivificante na bravia água do

mar (e se a primeira das sub-espécies ignorava olímpicamente a segunda, esta hostilizava abertamente o campo dos *babyboomers* partidários das leituras<sup>4</sup>).

Acreditando com a maior das convicções que 'uma coisa não exclui a outra' e que o 'jogo não é de soma nula', não posso deixar de citar as «As Praias de Portugal», onde o Ramalho<sup>5</sup>, conseguiu a acrobacia de produzir uma obra onde se consoma, para mim, a 'unidade dos contrários' que já os latinos desejavam (e que muitos marxismos mais ou menos ortodoxos perseguiram inutilmente, a partir de Hegel).

Então, porque não adicionar hoje (num registo mais actual), às delícias da cidade, a *érotique solaire* de que fala Michel Onfray<sup>6</sup>? Porque não ajustar o conceito de cidade-praia aos nossos tempos, abrindo para um 'urbanismo experimental costeiro'? Para exemplificar esta ideia em casos concretos, baseei-me – à maneira indutiva – num conjunto 'representativo' de *case studies*, localizados topologicamente na Fig. 1 (como se de um guia de 'metropolitano' – algo que só há nas grandes metrópoles – se tratasse), e ensaiei alguma – cautelosa – generalização, que se vai fazendo ao correr do Word.



Fig. 1 – Mapa topológico das cidades-praia tratadas no texto

## EXEMPLOS DE CIDADES-PRAIA

### 1. Falmouth

Da última vez que fui a Londres, em Junho de 2009, penetrei – com alguma cautela<sup>7</sup> – no Museu Britânico para assistir à *lecture* de uma amiga croata, Dubravka Ugresic, minha ‘alma-gémea’ e autora de um livro que muito me agradara (Fig. 2).

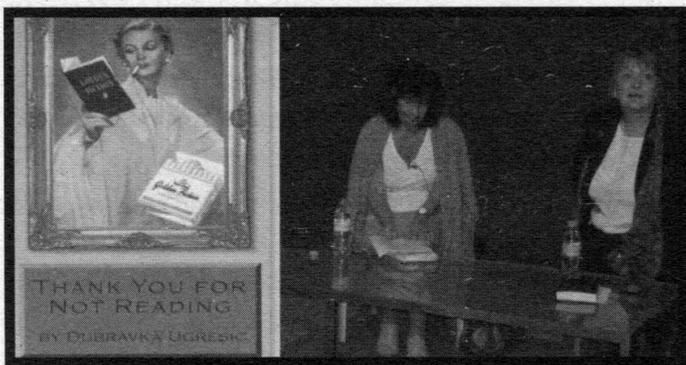


Fig. 2 – Livro da minha amiga croata (Ugresic, 2003) e sua ‘actuação’ no Museu Britânico (à direita da ‘agente literária’)

Depois de ‘despachar’, sem grande convicção, a incumbência que a sua agente literária lhe ‘exigira’, Dubravka comunicou-me que ‘precisava’ de ir à Cornualha, para estudar *in loco* um *topic* que começara a intrigá-la há meses: o ‘capitalismo de casino’ que assola o mundo no final da primeira década do século XXI (e respectiva ‘crise’) tem raízes históricas no liberalismo à *la* Adam Smith (e ‘sentia’ que as actividades de contrabando – sinal distintivo da economia daquela ponta da Inglaterra nos séculos XVIII e XIX – lhe poderiam dar algumas pistas para a sua ‘investigação’, centrada na *economic disruption* de 1836, que apresenta algumas analogias com a de hoje). Como o tempo estava (relativamente) agradável, prontifiquei-me a acompanhá-la, seduzido mais pelas amenidades que o Gulf Stream traz (ou trazia?) àquela região do que pela *Cornish Smmugling Industry* (de que só ouvira falar em criança pela boca de Edith Blyton). Resolvemos assentar arraiais em Falmouth, cidade-praia anunciada em grandes parangonas

pela companhia que explorava o Great Western Railway (o primeiro comboio que penetrou naquelas ignotas terras, sob o signo de um clima agradável prometido aos raros turistas do fim do século XIX, *vd.* Fig. 3).

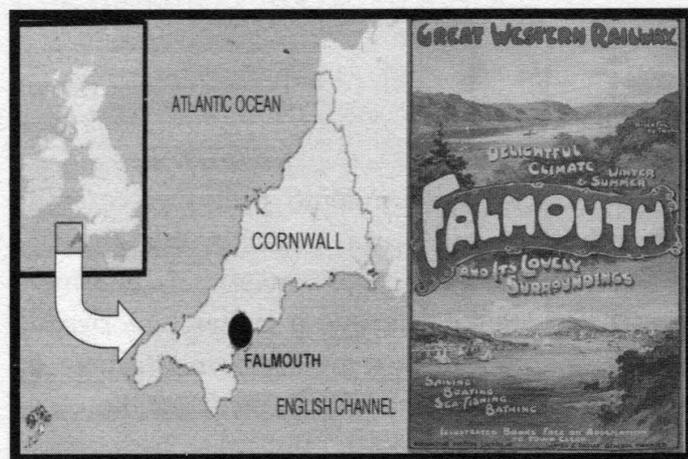


Fig. 3 – Falmouth ao alcance de todas as bolsas através do Great Western Railway

Quando chegámos ao nosso destino, instalámo-nos num Hotel a escassos metros da praia, e à distância do Centro correspondente a um curto (15 minutos) passeio a pé (Fig. 4).

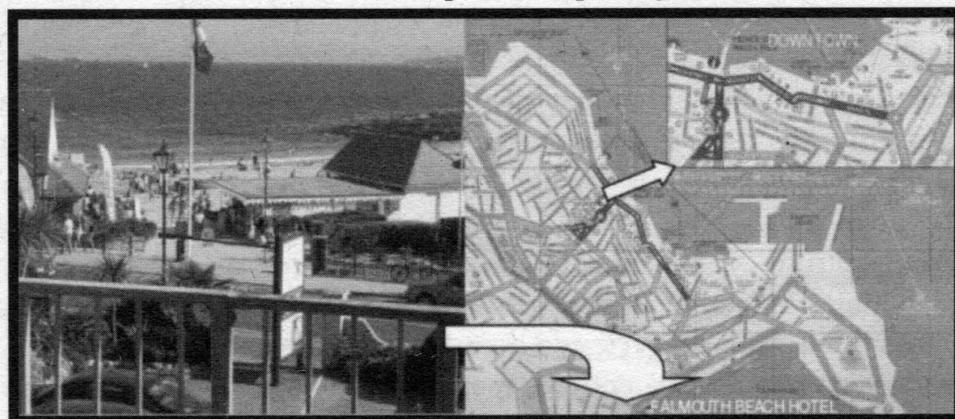


Fig. 4 – Vista do meu quarto e planta de situação do nosso Hotel, relativamente ao Centro da Cidade

Enquanto Dubravka explorava os arquivos da cidade para ‘ver’ a história à escala dos séculos, concluindo que as suas teses estavam ‘certas’<sup>8</sup>, eu – no intervalo dos mergulhos no Gulf Stream – lia o jornal da terra, fonte de preciosas informações à escala da vida, deparando com a notícia da Fig. 5: uma praia ia ser leiloada nas imediações de Falmouth! Eis como Adam Smith continua na ‘crista da onda’.



Fig. 5 – Praia em leilão

## 2. Lisboa

Lisboeta de há várias gerações, as qualidades subjectivas das minhas experiências não têm qualquer lastro de ruralismo, em que uma ‘alimentação saudável’ (de preferência vegetariana) e um naturismo contranatura compõem um ‘ramalhete’ – formado por um conjunto de plantas mais ou menos ‘selvagens’ – de argumentos transcendentais para ‘justificar’ uma vida ‘sã e simples’ à la Tolstoi. De facto, as recordações da minha juventude associam-se – numa *gestalt* que joga com os ‘cinco sentidos’ – ao sabor do café acabado de torrar, ao amarelo dos eléctricos, ao contacto físico com multidões em *random walk*, ao som das rotativas lançando para a rua o fluxo ininterrupto dos matutinos, à música a tocar no rádio do vizinho... Mas a estas recordações associam-se outras, ligadas ao mar bravio da Praia das Maças e à relativa quietude do de Cascais (Fig. 6), sem falar já da Caparica<sup>9</sup>.



Fig. 6 – Praia das Maças e Cascais

Era à praia da Ribeira (Fig. 7) que chegavam, quando Lisboa era (?) uma cidade-mundo, as pimentas, as ‘pedrarias’ (Camões *dixit*), e também os escravos que fizeram despontar uma burguesia compradora *sans merci*, cuja intervenção nos destinos dos povos oprimidos não posso deixar em claro, denunciando aos quatro ventos aquele discurso pseudo-cosmopolita com que alguns *scholars* norte-americanos falam dos ‘descobrimentos’<sup>10</sup>, talvez com o *purpose* de encontrar um *refreshment* do seu próprio imperialismo, em que Prestes João faz vezes de agente da CIA.



Fig 7 – A praia da Ribeira, em frente ao Terreiro do Paço

Recuando alguns milhões de anos, sabe-se que o sítio de Lisboa estava imerso num projecto-de-oceano prestes a abortar: o imenso Mar de Tethys, que viria progressivamente a ‘encolher’ por efeito da colisão das placas africana e eurasiática, dando lugar ao “mar interior” que é o Mediterrâneo. Lisboa era pois, nessa altura como hoje, o limite norte do ‘grande mar’ (Matvejevic, 1987), que tanta importância teve na história da civilização ocidental até ao fim da Idade Média (Pereira, 2008). A partir dessa época, a nossa metrópole – com o imaginário a nomear os seus becos, e o mar inscrito nas pedras das suas calçadas (Fig. 8) – funcionou como *plaque tournante* entre todos os continentes (ou seja, como ‘estação de correspondência’, na metáfora do ‘metropolitano’ expressa na Fig. 1).

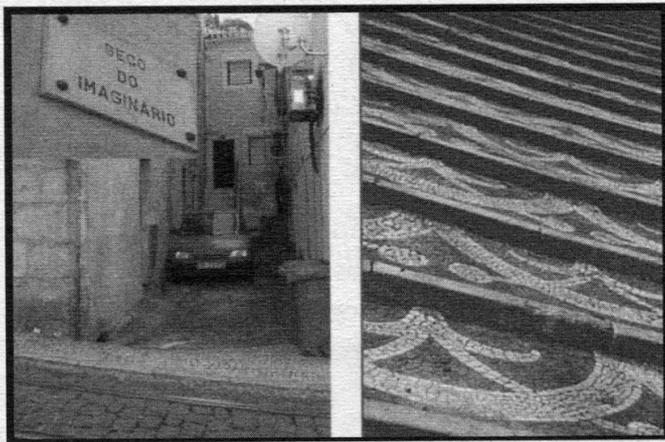


Fig. 8 – O beco do Imaginário (Alfama) e o mar nas pedras de Lisboa (Graça)

### 3. Fortaleza

Nos finais de 2008, fui visitar uma amiga que vive em Fortaleza. Logo que cheguei, fui imediatamente integrado na 'turma' dela, uma dezena de *baby-boomers* ligados à (ou reformados da) Universidade Federal do Ceará. Entre estes, destacava-se o 'capitão' Verney, com quem tinha conversado longamente sobre viagens oceânicas (ele, falando sobre o Cabo Horn; eu, sobre a minha aventura australiana a bordo do *Svanen*, cf. Pereira, 2000, p. 227-239). Na verdade, Verney anunciara-me – logo à chegada – que ia estreiar um novo veleiro, cuja viagem inaugural se realizaria no dia seguinte. Para nos encontrarmos todos e receber 'instruções' de Verney relativas à 'expedição', marcámos encontro (muito cedo) em frente à estátua de Iracema, que ficava junto ao fim do calçadão que corre ao longo da praia, a um par de quilómetros a Nascente do meu Hotel (Fig 9).



Fig. 9 – Local de encontro com o 'capitão' Verney (do calçadão à estátua de Iracema)

Cheguei antes da hora marcada, para ver nascer o Sol. O nosso piloto já estava sentado num bote da praia, acompanhado da sua 'tripulação'. Os outros elementos da turma foram aparecendo (atrasados), alegando as mais esfarrapadas desculpas. Afinal as 'instruções' (a que Verney se referira solenemente na véspera) reduziam-se tão somente ao ritual que consistia na distribuição de bonés com o nome do veleiro (Fig. 10). Mas com um nome desses – que me encantou até às lágrimas – valia a pena montar aquela liturgia, que Verney tinha preparado em segredo. De facto, ainda ninguém tinha visto o barco, acabado de comprar a um chileno apelidado de Bigodão, que estava também presente, para ver se o embarque corria bem, já que o transporte para o *PHILOSOPHY* (Fig. 11) se fazia – perigosamente, assegurava o capitão – por estranhas tábuas accionadas por um único remo traseiro (e com um veio central para os 'passageiros' se segurarem).

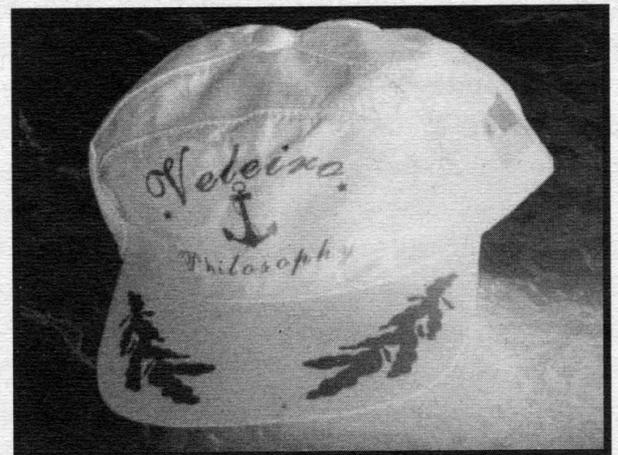


Fig. 10 – Boné Philosophy



Fig. 11 – Embarque para o veleiro Philosophy

Sob a orientação zelosa do 'capitão' Verney, fizemos a manobra de saída do porto de Macuribe,

dirigindo-nos para Poente. Passámos ao largo (próximo) do centro da cidade, dominado pela Sé Catedral (Fig. 12), e fundeámos junto à barra do Ceará, na baía dos Estaleiros (Fig. 13), para mergulharmos (ficando aí a nadar até ao pôr do Sol).

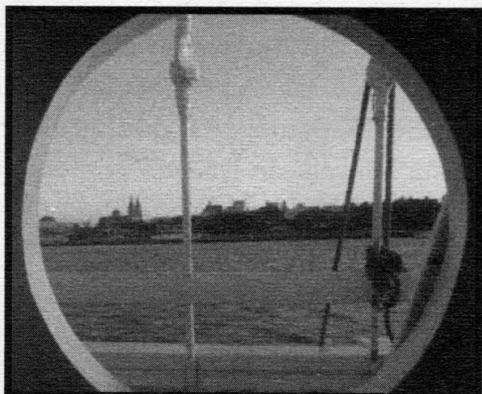


Fig. 12 – A Sé vista por uma escotilha do PHILOSOPHY

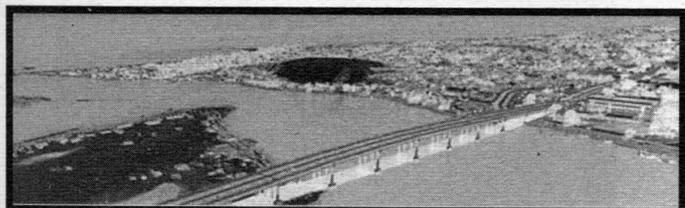


Fig. 13 – Praia da barra do Ceará

No regresso ao porto de Macuribe, sentámo-nos todos à volta de uma grande mesa oval de porão, e o ‘capitão’ Verney entregou o comando do veleiro ao ‘imediato’, começando a servir cervejas Antártida bem geladas, e abrindo assim um espaço de convivialidade que transbordava largamente o exíguo lugar físico onde nos encontrávamos. Verifiquei então que o meu ‘mundiverso’ tinha uma larga área de intersecção com o da maioria dos elementos da ‘turma’: com um, era mais o gosto pela comida e pelas ciências; com outro, a literatura/artes/filosofia/cangaço; com outro ainda, a miscigenação/luso-tropicalismo pós-colonial; e com todos, as lutas estudantis contra as ditaduras dos anos 60/70 do século XX, em que estivéramos envolvidos numa pose mais ou menos acrata.

#### 4. Recife

No Recife, o que me interessou mais – para além do mar que corria ao longo da avenida principal, e ondê ia mergulhar de vez em quando, 24 h por

dia (Fig. 14) – foi a *vexata quaestio* da comparação entre as colonizações portuguesa e holandesa.

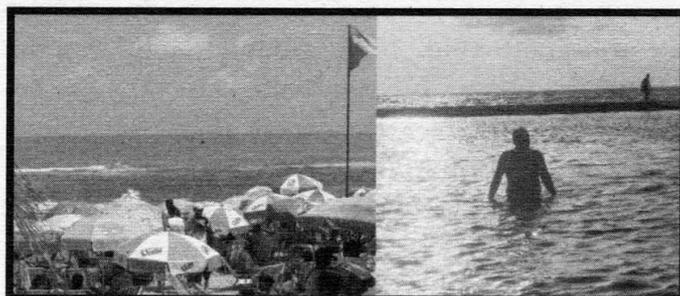


Fig. 14 – A praia do Recife

Tinha lido alguns textos laudatórios da liberdade que se desfrutava no período Nassau (1637-1844), o ‘tolerante’ Governador-Geral nomeado pela Companhia das Índias Ocidentais para ditar os destinos do Brasil Holandês. Nesse período, parece que os judeus fugidos à Santa Inquisição prosperavam<sup>11</sup>, que os artistas flamengos pintavam com deleite as maravilhas daquela terra singular, e os cientistas estudavam sistematicamente bichos e plantas exóticas... Por outro lado, Vailland, 1978, apresentava uma outra face da moeda, mostrando – pelo exemplo – a selvajaria dos holandeses nas Índias Orientais. Será que tinha havido um povo que – no seu domínio sobre outros povos – mostrava, como Janus, duas caras (uma a W e outra a E)?

Percorrendo a cidade (nos ‘tempos mortos’ em que não me apetecia tomar banho de mar), não pude deixar de admirar o espírito geométrico que aquele urbanismo revelava (só comparável com o que presidiu ao planeamento de New York, também denominada “New Amsterdam”). De facto, o Recife fazia figura de Descartes, em face do ar desconjuntado (e labiríntico) da Lisboa pré-pombalina *à la* Espinosa (embora vistas a escala diferente na Fig. 15).

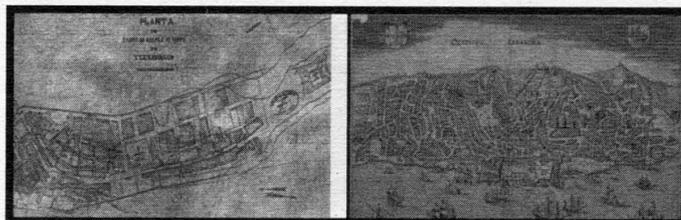


Fig. 15 – Recife vs. Lisboa no início do século XVIII

Nas minhas deambulações pelo Recife Antigo, entrei – sem grande convicção – na Casa da Cultura, um ex-presídio<sup>12</sup>, agora transformado em feira de artesanato (Fig. 16A). Abandonando rapidamente os locais, fui dar com uma ‘exposição-venda’ de literatura de cordel (Fig. 16B), onde encontrei o folheto da Fig. 16C (que me interessou profundamente, no contexto das minhas preocupações nassauneanas).



Fig. 16 – Literatura de cordel à saída do ex-presídio, travestido em Casa de Cultura

Ao abrir o folheto, encontrei a litografia da Fig. 17A, que ilustrava uma estória passada em 1644: para divertir o povo, o governador holandês, em vez de se pôr ele próprio a voar como era sua obrigação (legendária), “fez içar um boi cheio de palha, preso por fios que a noite escondia”. E logo me veio à memória o Padre Bartolomeu de Gusmão, esse abrasileirado que tomou o lugar do boi de Nassau, na sua Passarola (Fig. 17B). Se a vulgata da ‘sociedade do espectáculo’<sup>13</sup> fazia já a sua aparição em tempos tão longínquos, temos de convir que o ‘modelo’ holandês, menos ‘genuíno’, era por outro lado mais engenhoso (mesmo se fraudulento). Ao comentar as minhas lucubrações sobre aquela espécie de ‘colonialismo comparado’ com o vendedor de cordel, ele – velho acrata que a sabia toda – deu a estocada final nas minhas ‘dúvidas metafísicas’: “não se pode admitir a existência de colonizações ‘melhores’ ou ‘piores’, quando a natureza da instituição colonial faz com que ela seja objeto e não sujeito da relação”.

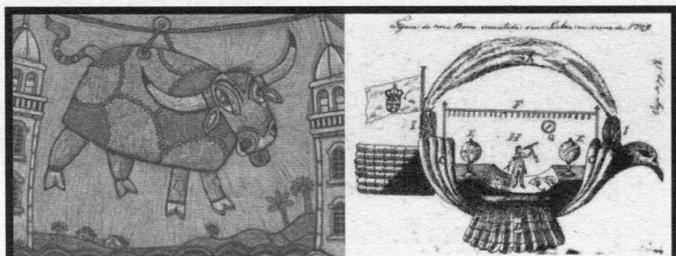


Fig. 17 – Boi de Nasau (A) e Passarola de Gusmão (B)

## 5. Cádiz

A morfologia de Cádiz (Fig. 18) sugere dois cometas auto-replicantes: o maior – com a ‘cabeça’ no *casco viejo* e a ‘cauda’ a afunilar para o istmo de San Fernando ao longo do extensíssimo areal de la Vitoria – pega ortogonalmente com a ‘cauda’ do segundo por um ondulante caminho rochoso que liga ao Castelo de San Sebastian<sup>14</sup>. Também a planta vagamente pentagonal do Castelo de Santa Catalina está em relação fractal<sup>15</sup> com a totalidade da ‘cabeça’ do grande cometa, da qual é um dos vértices.



Fig. 18 – Vista aérea de Cádiz

Desta fusão complexa do mar com a terra, da cidade com o areal, dos equipamentos urbanos com a costa, decorre o facto incontroverso de que Cádiz é uma das realizações mais perfeitas do genótipo que designei por cidade-praia. De facto, haverá poucos sítios no mundo conhecido onde é tão evidente a continuidade flagrante entre os dois termos pseudo-paradoxais do conceito (aqui, estes termos não são de modo nenhum estados antitéticos – e disjuntos – da habitual tipologia do *land using*, mas *topoi* complementares – e justapostos – da mesma realidade). Resolvendo alegoricamente (e na prática do terreno) o velho *mind-body problem* que tanto preocupava (alguma) filosofia ocidental, a ‘cabeça’ do cometa, onde se encontra o *casco viejo*, articula-se harmoniosamente com sua cauda ao longo da *playa la Vitoria*, situada na contiguidade imediata do alcatrão da Avenida Marginal (e não debaixo de quaisquer *pavés*, como era preciso imaginar em Maio de 68).

De qualquer modo, é de esperar que a geografia peculiar de Cádiz aparente na Fig. 18 tenha sempre influenciado a sua vocação profundamente urbana, deitando (literalmente) 'às ortigas' a menor veleidade de implantar uma qualquer actividade agrícola (como a que se esboçou no período em que os muçulmanos dominaram a região). Hoje, ao longo dessa marginal que se representa na Fig. 19a), segue o autocarro da Fig. 19b), cujo percurso, verdadeiramente urbano, se faz a escassos metros do mar, ladeando sempre a praia.

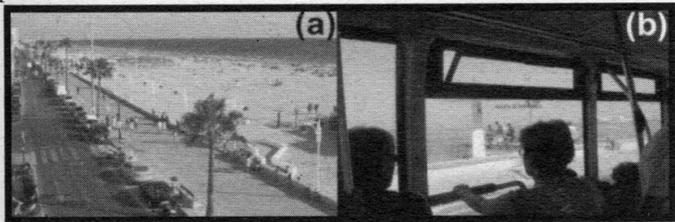


Fig. 19 – A marginal percorrida de autocarro

E se pode ser interessante tomar o autocarro para a praia, ainda é mais agradável percorrer o Paseo Marítimo de táxi (Fig. 20), indicando ao condutor, em vez do número da porta, um *modulo de servicios* específico (Fig. 21), ou simplesmente, 'bater' lentamente o areal em toda a sua extensão, à procura do melhor sítio para mergulhar (Pereira, 2009b).



Fig. 20 – Táxi ao longo do Paseo Marítimo



Fig. 21 – O *modulo de servicios* nº 2 da praia de la Vitoria

Como a linha de costa está virada a Sudoeste, de manhã, as altas (e irregulares) cérceas da marginal ficam definidas, pela sua sombra, sobre o areal (Fig. 22). Um *skyline à la* Manhattan de Woody Allen combina-se assim com o mar aberto, numa estranha imagem que é a quintessência da cidade-praia, como eu a concebo.



Fig. 22 – Sombra dos edifícios de Cádiz sobre a praia numa manhã de Julho de 2006

## 6. Cagliari

A capital da Sardenha tem apenas três unidades psicogeográficas<sup>16</sup>: o Porto, o bairro medieval conhecido por "Castello" e a praia do Poetto. Tudo o que se encontra fora desta tríade (aquilo que eu designo por cidade-resto) é *bruttissimo*<sup>17</sup> e totalmente desinteressante (Pereira, 2009a).

O bairro portuário, conhecido por "Marina", desenvolve-se ao longo de uma pequena marginal – a Via Roma (vd. Fig. 23) – que era (e ainda é) a 'vitrine' de Cagliari. Sob as arcadas desta avenida, onde se faz a *passaggiata* do fim da tarde, passei horas infundáveis<sup>18</sup> nas minhas escrituras de Esplanada e de Café (vd. Fig 24).



Fig. 23 – Via Roma



Fig. 24 – O Caffè Roma

Foi no Café da Fig. 24 que ‘vi’, pela letra de Sergio Atzeni<sup>19</sup>, a manifestação-cortejo dos trabalhadores de Cagliari contra a ‘carestia de vida’, por ocasião das greves de Maio de 1906 (Fig. 25A). E logo a associei a outra *manif* que por aqui passou quase um século depois, desta vez contra a ‘redução do financiamento ao ensino público’, como se vê na Fig. 25B. As pessoas, imersas numa liturgia salpicada pelas esplêndidas bandeiras vermelhas e negras, entoavam aproximadamente as mesmas cantigas e vociferavam os mesmos slogans (só que, na primeira, a multidão em fúria, desfilando desordenadamente, destruiu totalmente as mesas e cadeiras do Café<sup>20</sup> onde agora me encontro a escrever as notas para este texto).

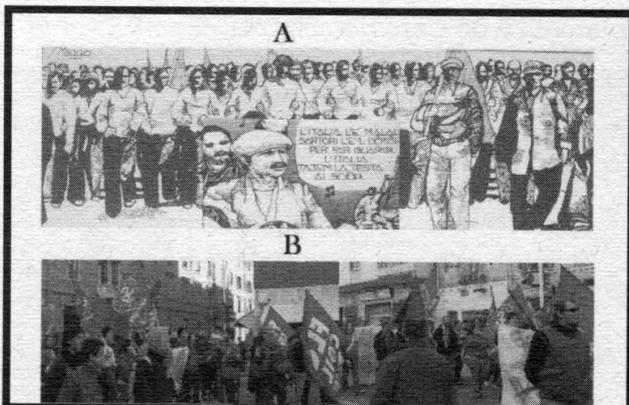


Fig. 25 – Manifs na Via Roma (A – 8 de Maio 1906; B – 15 de Novembro de 2004)

Seguindo ainda um pouco o percurso da *manif* de 1906, faz-se a transição da Marina (pequeno centro distribuidor) para o Castello (grande centro

financeiro, eclesiástico e defensivo) através de um dédalo de ruelas empinadas como as da Fig. 26.



Fig. 26 – A passagem (dolorosa) entre a Marina e o Castello

O esforço de saltitar entre a Marina e o Castello<sup>21</sup> obriga a ir de vez em quando à praia de Il Poetto, para recompor o corpo macerado. Com este fim, basta tomar o autocarro e descer numa das *fermatas* (Fig. 27) junto aos ‘estabelecimentos balneários’ que pululam no Longomare Il Poetto.

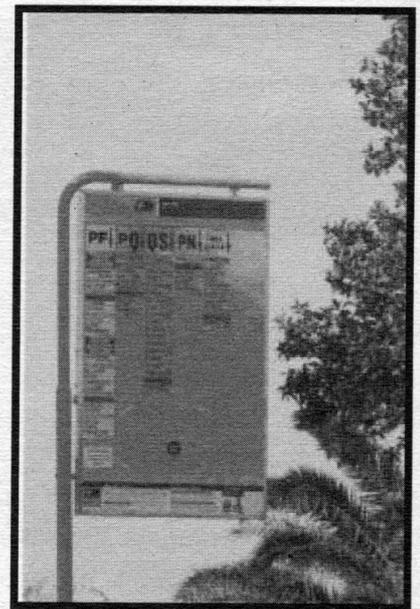


Fig. 27 – Fermata de Bus para aceder ao Longomare il Poetto

Com estas características (o percurso faz-se em vinte minutos, mesmo em ‘hora de ponta’), Cagliari é (de pleno direito) uma cidade-praia onde se pode ir dar um mergulho em qualquer momento, e voltar para o aconchego da urbanidade sem ter de ‘fazer praia’. E Il Poetto merece amplamente esta rápida deslocação, como se pode ver na Fig. 28, apesar do habitual queixume sobre o ‘paraíso perdido’, espresso lancinantemente nesta lamúria interrogativa em verso que o «Giornale di Sardegna» (Fig. 29) publica em 14.11.2004: “Ed or che il mare non è più cristallo / e le arenile no è più immacolato / io me domando / nella mia amarezza / cosa ti há dato l’uomo / che há distrutto / il divino silenzio della tua purezza?”.

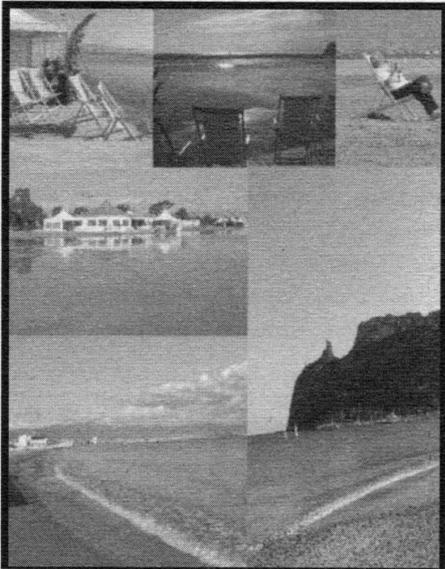


Fig. 28 – Il Poetto em 2004

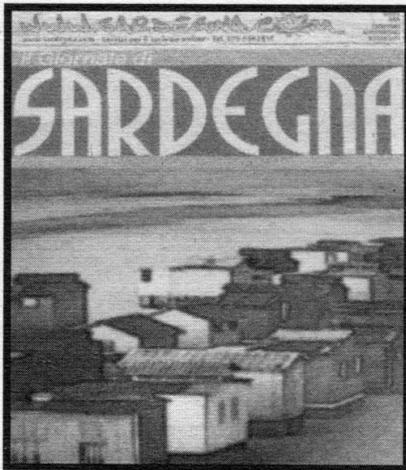


Fig. 29 – Il Poetto desaparecido (com as suas coloridas casas de madeira que fazem lembrar as da Murto)

Para encerrar (?) esta estória psicogeográfica de Cagliari, encontra-se na Fig. 30 a posição relativa das três unidades estruturais que constituem a cidade-praia, rodeadas pela selva da cidade-resto<sup>22</sup>.



Fig. 30 - A tríade de Cagliari (1-Marina, 2-Poetto, 3-Castello)

## REFERÊNCIAS

- Atezeni, S. (2003) *La Sardegna Italiana*, Selerio, Cagliari
- Batty, M. (2005) *Cities and Complexity*, MIT Press, Cambridge, MA
- Bueno, E. (2003) *Brasil: uma história*, Ática, São Paulo
- Delgado, M. (2007) *El Animal público. Hacia una antropología de los espacios urbanos*, Anagrama, Barcelona
- Fois, M. (2002) *Materiali, Il Maestrale*, Nuoro
- Jaurégui, J.P. (2004) *Cádiz, punta de Europa*, Rosalibros, Sevilla
- Matvejevic, P. (1987) *Breviario Mediterráneo*, Anagrama, Barcelona
- Onfray, M. (2000) *Théorie du corps amoureux: pour une érotique solaire*, Poche, Paris
- Pereira, H.G. (2000) *Arte Recombinatória*, Teorema, Lisboa
- Pereira, H.G. (2002) *Elogio do hipertexto na deriva do texto*, Difel, Lisboa
- Pereira, H.G. (2004) *A matéria de que são feitos os sonhos*, Teorema, Lisboa
- Pereira, H.G. (2008) *Fragmentos do Mediterrâneo, Vol 1*, Teorema, Lisboa
- Pereira, H.G. (2009a) *Fragmentos do Mediterrâneo, Vol 2*, Teorema, Lisboa
- Pereira, H.G. (2009b) *Fragmentos do Mediterrâneo, Vol 3*, Teorema, Lisboa
- Ramalho Ortigão (2002) *As Praias de Portugal*, Fresnesi, Lisboa
- Ugresic, D. (2003) *Thank you for not reading*, Dalkey Archive, N.Y.
- Vailland, R. (1978) *Boroboudour, voyage à Bali, Java et autres îles*, Sonneur, Paris

<sup>1</sup> Até há pouco tempo, antes da entrada em vigor das 'leis celebradas' contra o fumo em locais públicos (Pereira, 2004).

<sup>2</sup> À exceção de Agnès Varda, que diz assim: "Se abrissem as pessoas encontravam paisagens. Se me abrissem a mim, encontravam praias".

<sup>3</sup> Nunca esquecerei a figura débil do meu amigo surrealista António José Forte, arrastado à *contre-coeur* para uma praia do Algarve: a cambalear como um velho legionário no deserto, esgueirava-se pelas parcas sombras do meio-dia, tentando debalde proteger com a mão em pala os seus cansados olhos de coruja (cf .Pereira, 2000, p. 47). Em compensação, a Sophia escreve: "Quando eu morrer voltarei para buscar os instantes em que não vivi junto do mar".

<sup>4</sup> Ainda hoje, quem gosta como eu de ler à *l'extérieur* — nas esplanadas, na praia, na piscina — não pode deixar de sentir uma fortíssima atitude agressiva por parte daqueles que estão nesses locais 'para se divertirem'. De facto, a putativa disrupção causada na paisagem por um leitor atento (que não se limita a folhear

distraidamente uma revista) é tomada como grave violação das 'normas standard' vigentes em tais locais, e o poder simbólico associado à leitura é objecto de uma violenta oposição (com alguns contornos de uma estranha ambivalência). Assim, "para ludibriar a vigilância dos defensores do lúdico consentido que pululam nas paragens do Mar, Sol e Praia – as quais quero continuar a associar aos prazeres da escrita – , passei a dissimular os instrumentos do meu mister (livro, 'caderninho', canetas) num anódino saco de plástico que faz as vezes do *necessary* em fins de semana de outros prazeres" (cf. Pereira, 2002, p.34).

<sup>5</sup> Ramalho Ortigão, 2002.

<sup>6</sup> Cf., por exemplo, Ofray, 2000.

<sup>7</sup> Dada a possibilidade de ser vítima de uma espécie de *panic disorder* que me assalta às vezes em ambientes demasiadamente *crowded* (ou, no outro lado do espectro da densidade populacional, de deparar com o fantasma de Marx, a ler na maior das solidões).

<sup>8</sup> De facto, os contrabandistas eram respeitáveis negociantes como quaisquer outros, que iam buscar o capital necessário ao seu *trade* às instituições financeiras da época. Mantinham verdadeiras *duty free shops* a bordo dos seus veleiros, e *centres commerciales* na Bretanha francesa. Estima-se que, por volta de 1780, um quarto do valor gerado pelo sector do *import/export* em Inglaterra resultava de actividades ilegais (das quais a Cornualha tinha parte de leão). Se um barco de contrabandistas fosse capturado por um *Coastguard Cutter*, os 'guarda-fiscais' (que constituíam uma milícia privada) dividiam entre si a mercadoria 'apreendida', o que representava um verdadeiro *jackpot*. Nos finais do século XVIII, Adam Smith – ele próprio Chefe das Alfândegas da Escócia – considerava os contrabandistas como honestos *businessmen* que reagiam a um 'mercado imperfeito' através do seu mérito *entrepreneurship*!

<sup>9</sup> Um amigo chegado de um nebuloso exílio (forçado) chamou-me a atenção para a prosaica dádiva da Natureza de que se podia desfrutar em Lisboa: "Ir dar um mergulho à Caparica quando nos apetecer, e voltar antes da hora do jantar".

<sup>10</sup> Chegando a montar a descomunal exposição «*Encompassing the globe*», exportada para o nosso Portugal em 2009.

<sup>11</sup> Diz-se que o "Príncipe Renascentista que se materializou nos Trópicos" (diz Bueno, 2003, p. 93) se interessava também pelas questões económicas, tendo limitado a 18% ao ano os juros a praticar na colónia (é de notar que Cavaco Silva – especialista em 'finanças' – não se atreveria a tomar medida semelhante, até porque dobrou o seu próprio capital – & respectiva família – em 18 meses, através de 'aplicações financeiras' privadas).

<sup>12</sup> Que, à distância de mais de 40 anos, ainda me fez lembrar o velho Aljube dos 'curros', onde passei 18 dias na mais completa (e pavorosa) solidão.

<sup>13</sup> Não na acepção precisa de Debord, mas no sentido mais espectacular do conceito.

<sup>14</sup> A partir do castelo, nasce ainda outra estrutura *self-similar* das anteriores, que as reproduz a uma escala ainda menor "Unido al

*islote de San Sebastián se encontraba su avanzada, artillada con 22 cañones, que enlazaba con el Castillo a través de un foso subterráneo con ponte levadizo" (cf. Jáuregui, 2004, p. 181).*

<sup>15</sup> Cf. Batty, 2005

<sup>16</sup> A psicogeografia, criada pela Internacional Situacionista nos anos 50 do século XX, pretende avaliar e registar as emoções decorrentes da interacção do homem com a cidade, ao longo de percursos espaciais urbanos onde se pratica a 'deriva' (caminho dirigido por 'atractores estranhos', que só na aparência é aleatório).

<sup>17</sup> É indescritível o modo como aqui as construções mais díspares se (des)combinam rudemente, como numa povoadíssima cidade-fantasma feita de heteróclitos destroços, cuja distribuição – não sendo 'harmoniosa' (seja qual for o critério de 'proporção' que se adopte) – também não é totalmente desestruturada (o que poderia ter algum encanto). Esta amálgama sem ordem nem desordem teria condições para conduzir a uma certa mangrovia maneirista quase aprazível, como acontece em alguma Lisboa. Mas o que é facto é que só se vê uma monstruosa incoerência insuportável e disforme. Eis como uma pseudo-auto-organização (que é de facto ferreamente comandada por um qualquer clientelismo capitalista) pode produzir um cadáver (que não tem nada de *exquis*).

<sup>18</sup> É estranho como o viajante em exílio de curta duração se habitua a um local, e depois desaparece de repente, quando começa a conhecer as pessoas (os empregados de Café, os empregados do quiosque e do supermercado, algum *homeless* e outros habitantes do bairro). Os vizinhos devem pensar que o intruso-já-familiar morreu sem deixar lápide, como aconteceu a Geremia Lattes, no livro de Marcello Fois «*Materiali*» (cf. Fois, 2002, p. 13).

<sup>19</sup> Na sua «*Sardegna Italiana*», cf. Atzeni, 2003, p. 47.

<sup>20</sup> Marcello Fois sintetiza numa 'frase lapidar' esta ocorrência: "*un rimescolio di tavolini e sedie*" (Fois, 2002, p. 115).

<sup>21</sup> É enorme o pesar (até físico) que me assalta nestas derivas que, como seria de esperar, se desenvolvem predominantemente nos 'bairros históricos'. Com efeito, os antigos só conheciam uma das forças do Universo – a gravidade – e tendiam a fazer dela abundante uso defensivo (e até simbólico), erigindo as suas mais interessantes construções em camadas sobrepostas, que se elevam por vezes a alturas verdadeiramente colossais.

<sup>22</sup> Esta dicotomia entre o 'centro histórico' e a 'cidade-resto' foi recentemente problematizada por Delgado, 2007, que contesta o carácter de quase 'não-lugar' que é atribuída à segunda unidade morfológica. Relembrando Baudelaire ("a forma de uma cidade muda mais depressa do que o coração de um mortal"), Manuel Delgado sustenta que a cidade é pura "informalidade informe" e que a questão básica das metrópoles é a interacção entre a *polis* e a *urbs*, a qual permite corroer a hierarquia entre espaços através de uma dinâmica não planificada que se exerce experimentalmente no quotidiano.

## POEMA DENTRO DA CIDADE

a raiva  
neurótica  
passeia-se pela cidade

ébrios  
os pássaros  
suicidam-se

atónitas estátuas  
vociferam



ocasionalmente as pessoas  
petrificam-se

a verdade  
é lume  
amontoando fuligem

enquanto  
a gélida robótica  
dita futuros

que já não existem

(Almeida Quadros /2009)